

AS DEVOÇÕES MARIANAS NA HISTÓRIA DO PARANÁ

SOLANGE RAMOS DE ANDRADE*

Cidades do interior; quais os marcos que as identificam? Quando observamos as cidades existentes no Estado do Paraná, percebemos que a maioria apresenta a Igreja matriz, palco dos ofícios religiosos e sua praça, palco da vida cotidiana. Indicada como centro da cidade, a Igreja matriz revelava-se enquanto marco fundador; em seu entorno a praça adornada pelo coreto que, após a missa do domingo, ao som da banda se tornava o ponto de encontro das crianças, dos jovens, dos adultos e dos idosos. Nela os vendedores de pipoca, balões, sorvetes, amendoins e paçocas faziam a alegria das crianças. Espaço de trocas, convivências, sociabilidades, a Igreja matriz e sua praça pertencem à memória coletiva da cidade e praças congregam uma comunidade não apenas religiosa, mas também social.

De acordo com Zenny Rosendahl (1999)¹, para interpretar a origem das cidades é preciso tratar igualmente da técnica, da política e da religião, sobretudo do aspecto religioso da transformação, dado que, no curso natural da gênese e evolução das cidades, o papel desempenhado pela religião é essencial. A necessidade de controlar o ambiente também deu mais autoridade àqueles que se ocupavam dessa função, como o sacerdote e o prefeito, por exemplo.

A religião católica está impregnada no imaginário popular, em suas tradições e práticas reveladas nas festas de padroeiros. Meu objetivo é apresentar as possibilidades do desenvolvimento de pesquisas em história local a partir dos santos padroeiros dos municípios. As devoções marianas chegaram ao Brasil com os portugueses no contexto da colonização e conseqüente processo de evangelização. Símbolo de uma religiosidade fortemente ancorada no papel da mãe protetora, que em determinados períodos “aparece” para alertar seus devotos acerca dos perigos do mundo, esta devoção foi

* Doutorado em História. Professora Associada do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá – PR. Pesquisa referente à Bolsa Produtividade da Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná

¹ ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

apropriada pela autoridade eclesiástica e sua necessidade de apresentar uma memória oficial em sintonia com um projeto de implantação e manutenção da ordem social e política. Um dos desdobramentos desta estratégia eclesiástica é a de instituir a Virgem como padroeira do País, dos Estados e dos Municípios. Neste contexto os municípios possuem duas datas para comemoram sua existência: a de sua fundação e a de seu padroeiro.

No Estado do Paraná, cuja padroeira oficial é Nossa Senhora do Rocio desde 1977, dos trezentos e noventa e nove municípios existentes, cento e sessenta e cinco têm como Padroeiras, as múltiplas denominações da Virgem Maria. As principais padroeiras são: Nossa Senhora Aparecida (40 cidades), Nossa Senhora da Conceição (24 cidades), Nossa Senhora de Fátima (16 cidades) e Nossa Senhora das Graças (12 cidades). No total são quarenta denominações marianas existentes no Estado.

São inúmeras as denominações de Maria cujos títulos estão associados a diferentes características da Mãe de Deus e a fatos de sua vida: títulos ligados aos dogmas, como Maternidade Divina, Imaculada Conceição, Virgindade Perpétua, Assunção; devoções ligadas a momentos de sua vida como, Anunciação, Natividade, Desterro, Apresentação, Visitação, Dores; títulos ligados a traços de sua personalidade e dons, como, Auxiliadora, Alegria, Consolata, Piedade, Graças, Glória, Imaculado Coração; títulos ligados a santuários e imagens especiais, como Aparecida, Candelária, Altagracia, Almudena, Lapa, Loreto, Penha; além dos títulos ligados às aparições, como Pilar, Fátima, Guadalupe, Salette, Lourdes, dentre outras².

Cunhado na matriz colonial portuguesa, o catolicismo brasileiro tem muito fortemente enraizado em sua configuração a devoção a Maria e aos santos. Até hoje, os santuários marianos são referências centrais que polarizam a fé católica dos brasileiros, e as devoções marianas, autóctones ou importadas, ocupam lugar de primeira grandeza na crença católica. É de se esperar, portanto, que entre os católicos, a crença inclua a Virgem Maria como elemento indispensável da adesão católica.

Os missionários ensinavam com muito fervor a devoção a Maria Santíssima, colocando em relevo a importância que Ela, como Mãe de Deus, teve na obra de redenção. Todas as tardes se ensinava o catecismo e se rezava o Terço. Em muitas

² ZANON, Frei Darlei. Nossa Senhora de todos os nomes: orações e história de 260 títulos marianos. São Paulo: Paulus, 2005, p. 6.

aldeias e cidades, existiam as famosas confraternidades do Terço, faziam-se muitas procissões e novenas de preparação para as festas religiosas.

Esse tipo de catolicismo permitiu uma participação popular bastante acentuada na religião. Como religião oficial do Estado, o catolicismo era considerado pelos habitantes do país, como algo que lhes pertencia, donde acabaram tomando a iniciativa de diversas manifestações religiosas. Estas impregnaram toda a vida da sociedade colonial e a “religião passou efetivamente a fazer parte do patrimônio cultural do povo”³.

“O Brasil nasceu sob o signo da cruz, se organizou, cresceu e tem prosperado, sempre protegido pela Mãe Santíssima, afetosamente venerada e evocada com muitos títulos belos e expressivos” (Pio XII em sua mensagem telefônica. Setembro de 1954).

Longe das grandes cidades, nas imensas e despovoadas áreas do país, comunidades inteiras continuaram cultuando os seus padroeiros e uma pequena multidão de santos, sem a necessidade da presença de sacerdotes oficiais. Realizavam seus cultos e entre si, distribuía quase todo o trabalho religioso.

De acordo com D’Abadia (2010)⁴ as festas, de acordo com Del Priore (1994)⁵, têm uma origem comum europeia com base nos cultos, celebrações religiosas aos deuses protetores das plantações do ciclo agrícola de plantio e colheita. As solenidades pagãs foram incorporadas ao culto cristão, com a expansão e homogeneização do cristianismo como religião predominante. As festas pagãs receberam nova roupagem e controle da igreja, que “determinou dias que fossem dedicados ao culto divino considerando-os dias de festa, os quais formavam em seu conjunto o ano eclesiástico” (Del Priore, 1994, p. 13). Dessa ação primordial da igreja cristã, foram estabelecidos e distribuídos os grupos de festas: as festas do Senhor (Paixão de Cristo e demais episódios de sua vida) e os dias comemorativos dos santos (apóstolos, pontífices, virgens, mártires, Virgem Maria e padroeiros).

³ Conf. AZZI, Riolando. *Catolicismo Popular e Autoridade Eclesiástica na Evolução Histórica do Brasil. Religião e Sociedade*. 1(1), p. 125-49).

⁴ D’ABADIA Maria Idelma Vieira Louvação e proximidade: as festas de padroeiros fora do Brasil. *Boletim goiano de geografia*, Goiânia, v. 30, n. 1, p. 93-105. 2010.

⁵ DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Basiliense, 1994.

Essas festas foram transvertidas pelo cristianismo e suas marcas estavam presentes nas festas portuguesas. Essas marcas, segundo Cascudo (1972)⁶, eram perceptíveis nas festas do “Mês de Maria”, substituindo a festa de Afrodite, nas quais os portugueses penduravam “giestas² à porta”. As festas do “Divino” foram propositalmente comemoradas em maio para evitar as Maias, comemoradas na rua. Para disciplinar essas festas, instituíram-se procissões obrigatórias, por meio de acordo da Câmara de Lisboa, as quais não foram suficientes para evitar os ritos gentílicos.

Assim, a festa “do nosso passado colonial talvez nos ajude a entender porque e o que ainda hoje tanto festejamos”, afirma Del Priore (1994, p. 15). De acordo com a autora, citando o Vocabulário português e latino de Rafael Bluteau, as festas cristãs portuguesas eram “as dos patronos, as dos mártires, as da Epifania. Ainda se celebram, em Portugal, com singular solenidade: Corpo de Deus de Lisboa, Santo Espírito de Alenquer, ladainhas de Coimbra, Trindade de Évora, Ressurreição de Beja e Ramos, D’Alhos Vedras” (p. 18).

Sanchis (1992)⁷, ao estudar as romarias portuguesas, apresenta variedades de santos cultuados em Portugal. Ele identifica 216 romarias distribuídas pelo território português. Dessas, 99 são consagradas ao culto de Nossa Senhora, 83 a um santo ou santa, 20 a Cristo; já o Espírito Santo é celebrado em 14 santuários portugueses. Destaca-se a invocação à Virgem Maria sob 68 títulos diferentes.

Costa e Costa (s.d.)⁸ apresentam no artigo “Tendências evolutivas da piedade popular: modelos de secularização e de clericalização”, uma síntese analítica da aplicação dos modelos de secularização e clericalização⁵ para estudos das festas religiosas portuguesas. Os autores demonstram as tendências evolutivas da piedade popular em Portugal. Na investigação, são usadas como ponto de partida as romarias de Nossa Senhora da Agonia, em Viana do Castelo, e de São Bartolomeu, na freguesia do mar, em Concelho de Esposende.

⁶ CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1972.

⁷ SANCHIS, Pierre. *Arraial, festa de um povo: as romarias portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

⁸ COSTA, Rui Afonso da e COSTA, Hamilton. *Tendências evolutivas da piedade popular: modelos de secularização e clericalização*. Centro de Cultura Universidade Nova Lisboa, Portugal, s.d., 24p. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/chc/pdfs/modelos.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2009.

Para tanto, são empregadas as variáveis *sagrado* e *profano* que, de acordo com os autores, permitem “apreender o que de essencial comporta esse fenômeno religioso, organizando-se a informação de forma a salientar as matrizes essenciais das representações neles contidos” (Costa e Costa, s.d., p. 2).

A coexistência dos poderes religioso e político marca presença nas festas religiosas tanto de herança espanhola quanto de herança portuguesa. Em dimensões atuais, no Paraná, as festas de padroeiros ainda conseguem ser um “lugar” de visibilidade política para os grupos dominantes. Nota-se a participação de autoridades e lideranças políticas, em maior ou menor expressão, presentes nessas festas.

A escolha dos santos padroeiros deve-se ao papel que o culto aos santos desempenha na formação de uma consciência identitária. Assim, na fundação de San Francisco de Campeche, os espanhóis trouxeram a religião como um dos principais elementos definidores de sua identidade. O santo padroeiro fortalecia as relações comunitárias e afinava os laços de pertencimento da comunidade.

A relação entre o santo e o povo era mediada pelo poder eclesiástico, criando um modo de religiosidade que coadunava com a ideia de organização da sociedade em funções distintas e conseqüentemente desiguais. Na dinâmica de ocupação espacial da América foi priorizada a formação urbana com bairros, praças e paróquias. No pensamento de Salas⁹, essa ordenação espacial possibilitava, em Campeche, uma competição e distribuição de vários santos padroeiros, além de São Francisco de Assis. Nessa vila, venerava-se a Imaculada Conceição, a Virgem de Guadalupe, São Romão, São Pedro, Doce Nome de Jesus, Beato San Juan de Dios (santo popular).⁶

Em 1649, apareceu a imagem da Virgem do Rosário, que foi levada em grande procissão ao convento franciscano da vila. Essa aparição carregada de simbolismo trouxe para a vila de Campeche, de acordo com a autora, a possibilidade de um santo padroeiro que a representasse. A imagem foi chamada de Nuestra Señora da La Laguna. Essa simbologia, porém, não foi suficiente para consolidar a Virgem Maria como a santa padroeira aglutinadora da vila do Porto de Campeche e não foi possível construir,

⁹ SALAS, Adriana Delfina Rocher. Religiosidade e identidade em San Francisco Campeche. Siglos XVI y XVII. *Anuário de Estudios Americanos* (Sevilla, España), n. 63, v. 2, julio-diciembre, 2006, p. 27-47. Acesso em: <http://estudiosamericanos.revistas.csic.es/index.php/estudiosamericanos/article/view/18/17>. Acesso em: 7jan. 2009.

nesse local, uma identidade patronal comum a todos os seus habitantes. A consciência identitária limitou-se aos bairros e a seus santos padroeiros locais.

A tradição das festas de padroeiros na Europa e, posteriormente, na América Latina e Brasil, resultaram de um longo processo da influência católica no mundo; em nosso país, a espacialização dessas festas deu-se em virtude da presença do Estado aliado à Igreja Católica num amálgama produzido pela junção do Estado e da Igreja para a organização territorial do Brasil. As dinâmicas e as transmutações que podem ocorrer nessas festas, em quaisquer lugares onde aconteçam, seja fora ou dentro do território nacional, refletem a criação de uma identidade católica de forte expressão ainda presente na sociedade atual.

A escolha dos santos padroeiros deve-se ao papel que o culto aos santos desempenha na formação de uma consciência identitária. O santo padroeiro fortalecia as relações comunitárias e afinava os laços de pertencimento da comunidade. Por isso, a consagração de capelas, igrejas e paróquias faz parte de ações práticas da Igreja Católica.

Essa prática, adotada no Brasil pelos colonizadores, disseminou-se e pode-se dizer que reproduz, conforme afirmam Costa e Costa, o modelo ainda em vigor em Portugal. Há festas em que a hipertrofia do sagrado supera a do profano e vice versa; entre a secularização e a clericalização, a presença da igreja se impõe, mediando a religiosidade popular e o culto aos santos padroeiros. Essas festas, tanto as de origem portuguesa quanto as de origem espanhola, trouxeram elementos essenciais que influenciaram as louvações ainda presentes no século XXI, no Brasil e no Paraná.

A expansão do catolicismo foi estimulada desde o início da colonização ibérica. A instituição do padroado real - Padroado Real em português e Patronato ou *Patronazgo* em espanhol - da Igreja do ultramar exercido pelas Coroas Ibéricas era revelador da estreita aliança entre o altar e o trono, apesar das não poucas divergências. O Padroado Real Português pode ser, segundo C. R. Boxer¹⁰,

[...] vagamente definido como uma combinação de direitos, privilégios e deveres, concedidos pelo papado à Coroa portuguesa, como patrono das missões católicas e instituições eclesásticas na África, Ásia e Brasil. Estes direitos e deveres provinham de uma série de bulas e breves papais, começando pelo breve *Dum Diversas* de Nicolau V, em 1452, e culminando no breve *Praecelse Devotionis* de Leão X, em

¹⁰ BOXER, C. R. **A Igreja e a expansão ibérica** (1440 - 1770). Lisboa: Edições 70, 1989.

1514. O campo de ação do Padroado Real Português no mundo não europeu foi, durante muito tempo, apenas limitado pelos direitos, privilégios e deveres paralelos conferidos ao Patronato Real da Coroa de Castela, por outra série de bulas e breves papais, dos quais o mais importante foi a bula *Universalis Ecclesiae* de Júlio II em 1508. (BOXER, 1989, p. 99).

Segundo o autor,

os monarcas ibéricos foram autorizados pelo papado: a) a erigir ou permitir a construção de todas as catedrais, igrejas, mosteiros, conventos e eremitérios dentro da esfera dos respectivos patronatos; b) a apresentar à Santa Sé uma curta lista de candidatos mais convenientes para todos os arcebispados, bispados e abadias coloniais e para as dignidades e funções eclesiásticas menores, aos bispos respectivos; c) a administrar jurisdições e receitas eclesiásticas e a rejeitar as bulas e breves papais que não fossem primeiro aprovados pela respectiva chancelaria da Coroa. (IDEM, p.100).

Dessa forma, todo clérigo, de qualquer *status*, dependia da aprovação da Coroa para exercer seu cargo, assim como de seu apoio financeiro. A Igreja Católica se estabeleceu na colônia portuguesa na América, mediante a orientação da Coroa, através da Mesa de Consciência e Ordens. Não sem razão, portanto, a cristandade, aqui, uniria os interesses políticos aos religiosos. Não é de estranhar, portanto, que, como expressão do sistema colonial, tenha colaborado em guerras contra os ameríndios e de expulsão aos estrangeiros - franceses e holandeses - e ainda tenha tolerado a escravidão, construindo-lhe um discurso legitimador¹¹.

Para Vainfas, os que escreveram sobre a escravidão africana, a partir do século XVII, procuraram justificá-la, fornecendo, no geral, quatro visões essenciais da sua legitimidade. Em primeiro lugar, a escravidão é fruto do pecado original, fonte da perdição humana. Assim, a escravidão é punição e remédio, enquanto o escravo é pecador e penitente. Em segundo, a escravidão parece ser cativo, mas é salvação; o escravo redime a humanidade por meio do sacrifício. Em terceiro, a escravidão é o único meio de se criar riquezas na colônia. E, por fim, a escravidão é legítima se estiver adequada às instituições do direito civil e canônico. Nesse último sentido, pode-se, inclusive, lembrar da expressão "guerra justa" presente nos escritos do século XVI, referindo-se à escravização de ameríndios..

¹¹ VAINFAS, Ronaldo. **Ideologia e escravidão**: os letrados e a sociedade escravista no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1986.

Durante mais de cem anos, a colônia portuguesa na América só contou com um único bispado, o da Bahia, criado em 1551. Em 1576, foi criada a prelazia do Rio de Janeiro¹². As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, de 1707, foram a única legislação eclesiástica em todo o período colonial. À colônia também não foram recomendadas visitas pastorais por Trento. O Concílio, aliás, não contou com prelado colonial algum para assistir a suas sessões, assim como não formulou, entre suas resoluções, uma política específica para o Novo Mundo. Distante de Roma, com uma estrutura eclesiástica fluida, tendo nos jesuítas os primeiros organizadores do catolicismo na colônia, nossa religiosidade caracterizou-se, assim, por seu caráter específico: colonial. "Branca, negra, indígena, refundiu espiritualidades diversas num todo absolutamente específico e simultaneamente multifacetado" (SOUZA, 1989, P. 88)¹³.

Talvez, fosse mais adequado falar em religiosidades coloniais, uma vez que não houve uniformidade nas suas manifestações quer no espaço, quer no tempo. Próxima às crenças mágicas e sincréticas do catolicismo europeu - que atravessaram as classes sociais da Europa, e não só de Portugal, até o século XVII -, a religiosidade colonial misturou às tradições católicas, elementos das culturas africanas, ameríndias e judaicas. A religiosidade colonial caracterizou-se, sobretudo, por servir de estratégia na solução dos conflitos cotidianos que a religião oficial parecia não poder resolver. Assim, também uma das marcas constantes do catolicismo colonial foi o apego às exterioridades: profusão de capelas, aspecto teatral, culto a santos, afeição maior ao externo, à imagem do que a coisa figurada, do que ao espiritual. As festas coloniais do século XVIII - as ditas festas barrocas - são exemplares, nesse sentido. Via de regra, comemoravam motivos religiosos e políticos e, portanto, oficiais, mas não deixavam de apresentar aspectos lúdicos, com manifestações coletivas da cultura popular. Expressavam a singularidade e a mestiçagem cultural do espaço colonial caracterizado pela profusão de simbioses, sincretismos, complexificações, reinvenções.¹⁴

¹² **História da Igreja em Portugal**. Porto: Livr. Civilização Ed., 1968.v. 2. p.23, 33 - 34.

¹³ SOUZA, Laura de M. **O diabo e a Terra de Santa Cruz** : feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹⁴ Cf. GUIMARÃES, Dulce M. P. A festa do colonizado: aspectos das comemorações brasileiras do século XVIII e LAMBERT, H. M. F. C. Festa política: a face visível do poder. In : A Festa . Lisboa: Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, 1992. v. I.

Organizadas, predominantemente, pela Igreja, não deixavam de ter essas comemorações muito de um lazer profano. Tríduo, missa pontifical, procissão, iluminação da cidade e das casas, touradas, cavalhadas, congadas, óperas e danças várias eram elementos que caracterizavam tais festas. Mais do que isso, artifícios engenhosos promoviam uma ilusão de grandiosidade que envolvia o público e os seus participantes: a atenção com os trajes e alegorias, a profusão de efeitos visuais, os ornamentos, a iluminação, a suntuosidade e a pompa. Motivos tipicamente barrocos eram, pois, revividos e se revelavam no tom superlativo dos documentos que relatam essas festas.

O barroco colonial acabava, assim, por reinventar o "maravilhoso", presente desde os primeiros relatos de viagens à América e que povoou a Europa medieval, estando presente no imaginário dos "descobrimientos"

O fato é que apesar de sua importância, a sacralização do maravilhoso é apenas um segmento de uma estrutura mais complexa. A *mirabilia* pertence como fenômeno, ao âmbito do desejado e por isso compartilha uma característica típica do desejo: a ubiquidade. Está em toda parte e em parte alguma. Dessexualizada, apesar de pertencer ao âmbito fortemente corporal dos homens monstros, perseguidora de um objetivo ausente, ela está destinada - como desejo reprimido - a sofrer contínuos deslocamentos e ainda assim permanecer elusiva. (GIUCCI, 1988, p.1)¹⁵.

A América era a última fronteira do maravilhoso. As fantasias européias transmigravam à medida que se conheciam os lugares: da Índia passou à Etiópia e da Etiópia chegou à América; do mar Mediterrâneo veio ao Oceano Índico e do Índico ao Atlântico.

A categoria de *representações religiosas* se engloba ao conjunto das construções imaginárias mediante as quais a sociedade, os grupos nesta sociedade e os indivíduos nestes grupos tratam de conferir um sentido à sua experiência cotidiana e representar sua origem e seu futuro (Hervieu-Léger, 1996)¹⁶.

¹⁵ GIUCCI, Guilherme. **Viajantes do maravilhoso**. Rio de Janeiro: CIEC/UFRJ, 1988. v.8. (Série Papéis Avulsos). p. 1.

¹⁶ HERVIEU-LÉGER, Danièle. "Por una sociología de las nuevas formas de religiosidad: algunas cuestiones teóricas previas", en G. Giménez, *Identidades religiosas y sociales en México*, IFAL-IIS, UNAM, México, pp. 23-46., 1996.

Considero também que estas representações religiosas não são imutáveis nem exteriores ao crente, mas construídas e transformadas ativamente pelos sujeitos/crentes. Neste sentido, retomo a discussão apresentada por Miguel J. Hernández Madrid (2000)¹⁷ com relação aos processos de conversão religiosa e considero os migrantes/crentes como sujeitos capazes de participar “no controle de suas vivências para proporcionar um sentido pessoal nas relações que transformam” (Hernández Madrid, 2000).

Longe de considerar o crente como o depositário passivo das vontades das instituições religiosas, me interessa compreender o significado que os próprios crentes conferem a suas ações. Para tanto, basta recordar que, longe de constituir um conjunto amorfo de práticas e crenças, a devoção aos Santos Padroeiros forma parte de um complexo “dispositivo” que permite aos crentes construir um sentido para “as decepções, as incertezas e as frustrações da vida cotidiana”.

É importante lembrar que o catolicismo brasileiro foi construído historicamente mediante o trabalho das missões, das ordens religiosas e seu capital na educação, das paróquias e dos movimentos laicos. Também é importante destacar a persistência de um catolicismo de caráter rural que celebra particularmente o culto às diversas denominações da Virgem e das festas dos santos, por meio de procissões e romarias, que dão sentido a diversas comunidades emocionais, que vivem uma experiência individual do sagrado.

Deste modo poderemos levantar questões como:

[...] esta atualização é uma descontinuidade, se separa do passado por um desnível fundamental das situações, se as respostas dadas por uma linguagem religiosa se tornam descrentes, se a relação com o outro é hoje, como ontem, essencial à constituição do sujeito individual ou coletivo, se os relatos que surgem falam sem a crença que os expressava (CERTEAU, 1994, p. 244)¹⁸.

¹⁷ Hernández Madrid, Miguel (2000), “El proceso de convertirse en creyente”, *Relaciones*, XXI (83), 67-98.

¹⁸ CERTEAU, Michael de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1994.

Proposta de análise das Festas das Padroeiras

Podemos analisar as festas marianas a partir:

1- **da força das congregações religiosas** nas devoções e suas especialidades e suas relações com a sua instalação na região:

a- redentoristas: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Administração do Santuário em Curitiba);

b- dominicanos: Nossa Senhora do Rosário

c- franciscanos: Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Anjos (vide Anchieta);

d- carmelitas: Nossa Senhora do Carmo

e- lazaristas: Nossa Senhora Auxiliadora

f- capuchinhos e claretianos: Imaculado Coração de Maria

2- **das várias denominações da Virgem**, atentando para o estabelecimento de uma geografia mariana, quando seu nome está associado a:

a- **idades, serras, vales, campos**: Nossa Senhora da Lapa, Nossa Senhora de Monte Claro.

b- **aparições e milagres**: lugares nos quais foi encontrada a imagem: Aparecida, Fátima, Lourdes, Pilar, Caravaggio, Rocío, Salette, Monte Claro

c- **populações ribeirinhas e de beira-mar**: do Porto, dos Navegantes.

d- **por caráter homeopático/protetor/intercessão**: Amparo, Medianeira, da Guia, do Bom Sucesso, Perpétuo Socorro, Consolata,

e- **aspectos de sua vida**: N. S. Bom Parto, Belém, Desterro, das Dores, das Candeias (ou Purificação),

f- **caráter litúrgico e/ou dogmático**: Conceição, Assunção, Mãe de Deus, Purificação, Natividade, das Graças (medalha milagrosa), da Glória, do Rosário. Mãe de Deus, do Sagrado Coração, da Assunção, Mãe da Igreja, Natividade, Imaculado Coração de Maria, Divina Pastora, Rainha, Imaculada Conceição, Conceição

3- **das festas marianas**, destacando seu caráter estadual, regional, local:

a- **romarias**: estabelecimento dos santuários marianos e sua história

b- **festas de Igreja**: são festas paroquiais orientadas para a promoção espiritual e afervoramento dos fiéis. São organizadas por congregações, pela paróquia, diocese, arquidiocese. Contam com pregações, novenas, missões, confissões, missa cantada, terço e procissão. Nelas o aspecto lúdico é secundarizado,

destacando o caráter espiritual. Minha análise toma como base a tipologia das festas marianas em Portugal, realizada por Coelho Dias (1987, p. 248)¹⁹, ao dividi-las em categorias: peregrinações, romarias, festas de Igreja e festas mistas.

c- **práticas de piedade e devoção/secularização:** analisar como ocorre as relações entre sagrado e profano a partir das festas. (Ficha para estudar as festas).

d- **relação entre Santo Padroeiro/santuário:** especificamente os casos de duas cidades: **Curitiba**, cuja Padroeira é Nossa Senhora da Luz e o santuário é o de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; e de **Paranaguá**, cuja Padroeira é Nossa Senhora do Rosário e o santuário é o de Nossa Senhora do Rocio.

e- **levantamento das padroeiras existentes na diocese:**

f- **histórico do nome do município que leva o nome da Virgem:**

¹⁹ COELHO DIAS, Geraldo J. A. A Devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos. **Revista da Faculdade de Letras**, III Série, IV, p. 227-253, 1987.

VIRGENS PADROEIRAS – MUNICÍPIOS DO PARANÁ

Padroeiras	Município	Total
Nª Srª Aparecida	12/10 Abatia, altamira do Paraná, arapongas, barra do jacaré, Barracão, Boa esperança do Iguaçú, Boa vista da aparecida, Campina do Simão, Cascavel, Congonhinhas, Cruzmaltina, Diamante d' oeste, Diamante do sul, Douradina, Francisco Alves, Icaraíma, Iguaraçu, Inácio Martins, Itaguajé, Itaipulândia, Leopólis, Janiópolis, Loanda, Luiziana, Mandaguari, Mercedes, Ouro verde do oeste, Paraíso do norte, Pinhalão, Porecatu, Primeiro de maio, Quatiguá, Rio bom, Salto do Lontra, Tapejara, Terra roxa, Três barras do Paraná, Turvo, Uraí.	40
Nª Srª da Conceição Aparecida, Nª Srª Conceição, Imaculada Conceição, Imaculada Conceição de Maria	(08/12) Agudos do sul, Almirante Tamandaré, Alvorada do sul, Borrazópolis, Campo magro, Cantagalo, Carambeí, Florai, Ipiranga, Jataizinho, Jussara, Mamborê, Mangueirinha, Missal, Palmeira, Palmital, Porto barreiro, Rio branco do Ivaí, Santa mariana, São jorge do patrocínio, Teixeira soares, Tomazina, uniflor; (móvel) Quedas do Iguaçú	24
Nª Srª de Fátima	13/05 Alto paraíso, Amaporã, Cianorte, Coronel domingos soares, Cruzeiro do Iguaçú, Cruzeiro do oeste, Flor da serra do sul, Guaraniçua, Jardim Olinda, Marialva, Maripá, Nova cantu, Nova Fátima, Pérola, Quarto centenário, Serranópolis do Iguaçú.	16
Nª Srª das Graças	(31/05) Cambará, Nossa Srª das Graças, Santa Fé. (25/09) Centenário do sul (16/11) Itambé (27/11) General Carneiro, Maria Helena, Piên, Tuneiras do Oeste. (08/12) Barbosa Ferraz, Engenheiro Beltrão, Sarandi.	12
Santa Ana Nª Srª Sant'Ana	(26/06) Sapopema (26/07) Anahy, Castro, Laranjeiras do sul, Pitanga, Paulo Frontin, Ponta Grossa, Santana do Itararé.	8
Nª Srª da Glória	15/08 Francisco Beltrão, Itaúna do sul, Ivaté, Maringá, Novo itacolomi, Quatro pontes.	6
Nª Srª do Rosário	(07/10) Ariranha do Ivaí, Colombo, Paranaguá, Rosário do Ivaí. (08/10) Floresta	5
Nª Srª do Rocio	(08/09) Ivatuba (15/11) Jardim Alegre, São Manoel do Paraná, Tapira	4
Nª Srª de Lourdes	11/02 Apucarana, Planalto, Paranacity, Tupãssi	4
Nª Srª da Luz	08/09 Clevelândia, Curitiba, Espigão Alto do Iguaçú, Irati	4
Nª Srª do Carmo	16/07 Assis Chateaubriand, Pranchita, Xambê	3
Nª Srª das Dores	(08/09) Tijucas do Sul, (15/09) Jaboti, Marilândia do Sul	3
Nª Srª do Bom Sucesso	(02/02) Guaratuba (08/12) Bom Sucesso do Sul	2
Nª Srª Mãe de Deus	(01/01) Presidente Castelo Branco (15/08) Juranda	2
Nª Srª dos Remédios	(27/10) Tibagi (30/10) Araucária	2
Nª Srª Perpétuo Socorro	(27/06) Telêmaco Borba (23/07) Adrianópolis	2
Nª Srª da Guia	08/09 Boa esperança, Cerro Azul	2
Nª Srª do Sagrado Coração	31/05 Capanema, Nova Esperança do Sudoeste	2
Nª Srª de Belém	02/02 Guarapuava, Reserva do Iguaçú	2
Nª Srª dos Navegantes	(15/08) Porto Rico. (móvel) Guaíra	2
Nª Srª da Salette	(19/09) Braganey, Capitão Leônidas Marques	2
Nª Srª Rainha	(22/08) Atalaia	1
Nª Srª Consolata	(20/06) Cafelândia	1
Nª Srª da Piedade	(02/02) Campo Largo	1
Nª Srª da Paz	(31/05) Ibiporã	1
Nª Srª do Pilar	(15/08) Antonina	1
Nª Srª do Amparo	(15/08) Rio Branco do Sul	1
Nª Srª Auxiliadora	(24/05) Colorado	1
Nª Srª das Candeias	(02/02) Goioerê	1
Nª Srª de Caravaggio	(26/05) Matelândia	1
Nª Srª Medianeira de Todas as Graças	(31/05) Medianeira	1
Nª Srª do Porto	(08/09) Morretes	1
Nª Srª do Bom Parto	(22/01) Nova Prata do Iguaçú	1
Nª Srª da Boa Esperança	(13/05) Pinhais	1
Nª Srª da Assunção	(15/08) São Mateus do Sul	1
Nª Srª Mãe da Igreja	(01/01) Saudade do Iguaçú	1
Nª Srª do Monte Claro	(26/08) Virmond	1
Natividade de N. Senhora	(08/09) Santa Maria do Oeste	1
Imac. Cor. de Maria	(08/06) Marquinho	1
Divina pastora	(08/12) Ourizona	1
40		165

Autora: Solange Ramos de Andrade. Setembro de 2010.